

VALORIZAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO?

A VISÃO DO BANCO MUNDIAL.

Luzia Camila Faustino da Costa

Graduanda em Pedagogia pela UFCG

luziacamilafaustino@hotmail.com

Allyne Wandecledina Freitas de Souza

Graduanda em Pedagogia pela UFCG

allyne.wandecledina@gmail.com

Adelainy de Lima Saantos

Graduanda em Pedagogia pela UFCG

adelainy_santos@hotmail.com

Tatyane Andreza Araújo Santos

Graduanda em Pedagogia UFCG

tatyane-andreza@hotmail.com

RESUMO

Ao considerar o Banco Mundial uma instituição que exerce participação fundamental no processo de criação de políticas públicas educativas, aborda-se nesse artigo propostas e projetos atuais do BM no que se refere especificamente a um dos pilares essenciais para concretização da educação: o docente. Inicialmente, apresenta-se a “suposta” política educacional, atual proposta pelo BM, bem como os critérios para formação do “bom professor”, além de enfatizar a supervalorização do livro didático. O caráter do BM com relação a alguns aspectos estratégicos utilizados para concretizar seus objetivos. Apresenta apontamentos acerca da visível (des)valorização do profissional da educação, na explicação do BM. Por conclusão, mostrar-se as necessidades e desafios enfrentados pelo professor brasileiro contemporâneo. Enfim, confiamos que o presente artigo, enriquece o debate sobre problemas educacionais, sobretudo para estratégias políticas mais pertinentes para o professor, pois são eles os atores fundamentais das transformações educacionais destinadas a oferecer uma educação de qualidade.

Palavras – chave: Banco Mundial; Professor; Educação.

1 Introdução

Brasil, país subdesenvolvido, rico economicamente, dono de riquezas e contrastes inigualáveis, marcado sem dúvida, pela mistura de raças e características que denotam a

forma própria de viver e de encarar as dificuldades que só o brasileiro tem. Porém, dotado de uma lista de deficiências observadas em diversos setores, que o velho e bom “jeitinho brasileiro” infelizmente não pode sanar. Problemas são muitos, mais soluções eficazes e sustentáveis quase nenhuma. A questão da educação, por exemplo, é um problema que o Brasil vem perpetuando desde muito tempo, os governos mudam, mas o buraco em que se encontra a Educação brasileira continua firme e forte. E nessa dimensão, uma temática que merece relevância, mas que só vem ganhando espaço nas discussões acerca das políticas públicas educativas atualmente é a questão da valorização do docente, na visão de uma instituição tão importante economicamente como o Banco Mundial.

É nessa perspectiva que indagamos: Se o BM participa ativamente nas decisões relativas à educação, como ele visualiza o professor no processo educacional? Mas como uma instituição econômica pode ter tanto poder decisivo sobre as questões educativas? Essas questões nos fazem refletir e repensar a importância que se dão as atitudes do BM, sem levar em consideração se o mesmo detém o conhecimento necessário para assim o fazer. Desse modo, objetivamos discutir a visão que o Banco Mundial tem (ou não tem!!!) em relação ao docente, suas propostas, seus projetos, seus métodos privilegiam ou excluem o professor? Questionamentos ainda sem resposta, mas intentamos respondê-lo tomando como ponto de partida os ensinamentos de Freire (1996), Pissarra (2003) e Torres (2007).

2 Política educacional atual: propostas e projetos para o professor.

O BM transformou no organismo com maior visibilidade no panorama educativo ocupando o espaço tradicional conferido a UNESCO. Desde então os empréstimos que privilegiam a estrutura física das escolas, agora é concedida em todas as áreas da educação. Dentro dessas áreas de investimento está o professor, que por sua vez envolve questões embaraçosas que são o salário e a formação/capacitação, pois, embora o BM tenha inúmeros projetos e propostas para estes dois assuntos, o professor ainda continua sendo um causador de problemas e quanto menor investimentos forem direcionados para ele, melhor será para o próprio Banco Mundial, que insiste em desvalorizar o docente, mesmo sabendo de sua real e fundamental importância perante a formação de toda e qualquer sociedade que considere essencial o desenvolvimento intelectual de seus cidadãos. Assim, vale salientar que o BM pode até ter propostas e projetos direcionados à educação, no entanto, nenhum projeto

consideravelmente importante que privilegie o professor, pois o mesmo não recebe a devida importância.

2.1 Critérios estabelecidos pelo BM, para formação do “bom professor”

As questões relacionadas aos docentes atualmente, são assuntos que incomodam o BM, pois os mesmos são observados como um sindicato magisterial que automaticamente lembram aumento de salário, corporativismo, intransigência e, sobretudo greves, com isto é possível perceber o motivo pelo qual surgem tantos problemas em relação à má qualidade do ensino oferecido por muitos professores brasileiros. A grande problemática é que o Banco Mundial dá mais valor e investem mais em infraestrutura, em detrimento as formações necessárias esperadas para o desenvolvimento de um professor proficiente. Assim, diante do que foi exposto é possível destacar que o professor está longe de ser a real prioridade do BM, por isso que ele não estabelece nenhum critério concreto para formação do “bom professor”.

Essa situação nos remete a um visível enfraquecimento dos vínculos com a profissão de professor atualmente, pois certamente tal realidade é fruto de uma ação conjunta de vários fatores geradores de dificuldades e insatisfações, que foram acumulados ao longo do tempo. Ao fazer parte de uma sociedade que se transforma com velocidade extrema e que impõe constantes mudanças e adaptações, os professores se sentem insatisfeitos ao não dar conta das exigências que lhes são feitas no campo profissional, seja pela sobrecarga de trabalho, ou mesmo pelo sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realizam.

2.2 Supervalorização do livro didático

A prioridade do BM é o melhoramento da qualidade do livro didático e para eles um livro pode instruir várias pessoas por muitos anos e uma biblioteca bem equipada pode instruir uma cidade inteira, por isso o livro é de extrema importância para o BM, até mesmo mais importante que o próprio professor. Essa supervalorização do livro didático faz surgir a figura de um professor que apenas é observado como um mero manipulador de textos e manuais. Segundo J.- J. Rousseau os livros não passam de simples auxílio pedagógico, pois para ele “nenhum outro livro a não ser o mundo, nenhuma outra instrução que não sejam os fatos”. (ROUSSEAU apud PISSARRA, 2003, p.65).

Porém, infelizmente não é assim que os economistas do Banco Mundial observam o livro didático. Sem querer desmerecer sua importância no processo educativo, o livro didático

deveria ser tido apenas como um manual auxiliador do docente, e não como o principal protagonista responsável pelo aprendizado do aluno. Essa valorização poderia ser direcionada para o professor que realmente exerce o papel central em toda e qualquer atividade educacional. No entanto o fato é que, o real interesse do Banco é investir na melhoria do livro, pois ele tem baixo custo e uma alta incidência. Já o professor é uma mercadoria cara, que demanda mais tempo para aperfeiçoar e moldar, e o livro não, já vêm pronto para comercializar e obter lucro. Porém, na concepção do dicionário Aurélio (2000: 430 e 559) livro e professor significam respectivamente: **Sm. 1.** Reunião de folhas impressas presas por um lado e enfileiradas ou montadas em capa. **Sm. 2.** Aquele que ensina uma ciência, arte, técnica; mestre. Até mesmo o dicionário nos confirma a verdadeira importância e responsabilidade que o mestre da educação e do conhecimento tem em nossa sociedade, o livro nesse sentido é apenas um complemento e não deve ser observado como uma prioridade ou algo essencial para caracterização de qualquer sistema educacional. Cada vez mais, estudos comprovam que o professor é o principal responsável pelo sucesso da aprendizagem. Seu conhecimento e sua atuação em sala de aula é o fator mais decisivo para o desempenho da turma, ultrapassando em importância o material didático e as metodologias de ensino. Não é por acaso que entre os países de alto desempenho educacional, a escolha de bons profissionais é a política mais disseminada. Segundo Mona Mourshed (2008: 16), uma estudiosa das reformas educacionais, a primeira medida para alcançar a qualidade da Educação é tornar a docência uma profissão exclusiva para os melhores, no entanto é preciso deixar de lado as velhas concepções educativas e fazer com que a profissão de professor se torne cada dia mais atraente.

3 Qual a postura do BM em relação a...

O BM é um organismo que há mais de 30 anos trabalha diretamente no setor da educação, propondo uma reforma por meio de um pacote de medidas que deveriam ser tomadas para o melhoramento da educação. Salários e Investimentos, formação e capacitação do docente, dificuldades educativas, assuntos que necessariamente deveriam ser analisados e discutidos individualmente, considerando cada realidade, para que possam ser consideradas realmente “estratégias exitosas” ou as possíveis mudanças das medidas desenvolvidas pelo BM.

A postura que o BM tem sobre tais aspectos são resultados de uma visão superficial, e unilateral com falta de sensibilidade na elaboração das medidas ditas como estratégias para

concretizar seus objetivos, desconsiderando totalmente vários aspectos necessários e importantes no setor educativo, preocupando-se exclusivamente com o setor econômico, havendo grande escassez do plano pedagógico. “Existe uma tendência a considerar-se tudo aquilo que seja “inovador” como automaticamente “exitoso”, e o “êxito” é incompatível com a presença de problemas” (TORRES, 2007: 151). Mas será que realmente é isso que acontece na realidade educativa em todo o mundo?

3.1 Salários e Investimentos

Um dos temas de principal interesse do BM são os assuntos relacionados ao setor econômico, no qual a participação do Banco Mundial é indispensável, e isso causa intensa preocupação, pois ele está abrindo mão de investimentos para possíveis êxitos ou possíveis desperdícios, sugerindo medidas de total controle em investimentos econômicos realizados por ele nessa área.

Referente a salários o BM se mantém evitando qualquer debate nesse aspecto, mais insiste que o salário do docente de maneira alguma tem influência na prática escolar e em seu rendimento, propondo um salário relativo à renda *per capita* dos países, sem se preocupar com as diversas necessidades e realidades de cada país. Uma das suas condições drásticas consiste em não rever os salários dos docentes para possíveis mudanças e sugere que constantemente deve revisar sua prática para possíveis punições salariais a tais profissionais. “... os salários dos professores devem se vincular ao desempenho e esse deve ser medido através do rendimento do aluno...” (TORRES, 2007, p.166).

Os investimentos assim como os salários causam preocupação ao BM, havendo necessidades de produzir recomendações para melhorar a educação. Por meio de estudos e pesquisas são elaboradas tais recomendações baseado em conclusões do que não funciona (beco sem saída) e o que funciona (avenidas promissoras).

Segundo TORRES (2007) um dos exemplos das recomendações do BM é, instalar computadores na sala de aula (seria sem dúvida um beco sem saída, pois estaria desperdiçando recursos econômicos) e proporcionar livros didáticos e guias didáticos para os professores (tendo custos baixos, sendo assim uma avenida promissora). É bem clara a intenção das recomendações do BM, em todas elas se tem objetivo de minimizar as despesas na área educativa, sem preocupar-se com o resultado e consequências das propostas. Tornando um ponto de questionamentos e reflexão, para as propostas do BM ao

melhoramento da educação, será que recomendações tão drásticas seriam as melhores estratégias em benefício da educação?

3.2 Formação e capacitação do docente

O docente é uma temática que causa incômodo ao BM e é tratado como um ponto negativo na trajetória da educação. Indicando palavras radicais e menosprezando o profissional ao afirmar, por exemplo, que o professor trata-se de um “insumo”, uma mercadoria que é indispensável mais necessita de altos custos, portanto o professor é antes de tudo um grande problema do que mesmo uma solução descartando a ideia de que o professor é um contribuinte na resolução de problemas educacionais e sociais.

É necessário mencionar a visão do BM na formação e capacitação do professor, que são vistos como temas isolados e com práticas incompatíveis umas com as outras.

A formação inicial do docente é visto lamentavelmente, como algo inútil e desnecessário, por exemplo, a qualidade e o rendimento escolar caem quando houve apenas uma formação inicial docente mostrando a necessidade em aplicar serviços práticos e efetivos. Juntamente com a capacitação profissional poderia ocorrer a formação do docente, conseguindo desta forma baratear custos investidos na educação.

O BM possui ideias contraditórias a estudos relacionados à prática educativa, é impossível imaginar algo tão importante quanto à educação e mesmo assim “as melhores maneiras de seguir com a educação são as que mantêm o menor custo”. Se não se investe pesado em educação, que é a única saída para o mundo, o que se vai fazer, ou onde irá ser gasto o dinheiro público? Assim, fica evidente qual a verdadeira preocupação do BM, será que ele realmente se preocupa com o setor educativo, ou então sua maior preocupação reside no campo econômico.

3.3 Dificuldades educativas

A visão do BM referente às dificuldades educativas é praticamente inexistente, seja nas informações estatísticas ou até mesmo nas influências para elaboração de suas recomendações.

Nas publicações com assuntos estatísticos, não é mencionado em hipótese alguma as dificuldades educativas e muito menos qualquer informação que mostre ideias negativas desenvolvidas por meio de métodos do BM. Como é defendido por ele mesmo, tudo que é inovador é conseqüentemente “exitoso”, convencendo que, todos os aspectos educativos sejam necessariamente positivos, impossibilitando a existência de dificuldades.

Suas recomendações são baseadas severamente em realidades de países de primeiro mundo, caracterizando práticas sugeridas pelo BM como algo de pleno êxito, impossibilitando que haja qualquer resultado contrário ao que foi proposto, seja em qualquer parte do mundo ou com as variadas diversidades existentes em cada país.

Algo indispensável a mencionar é como um organismo que há mais de 30 anos vem trabalhando diretamente no setor educativo e que se autocaracteriza como um reformador para o melhoramento da educação, sugere propostas que na verdade nada tem a melhorar e sim se transformam em algo pouco estudado e proposto sem nenhuma responsabilidade por parte dos autores (os economistas do BM). O BM pode até ser considerado um sujeito “reformador”, mas no que se refere à criação de formas para minimizar as despesas investidas na educação.

As dificuldades que os docentes enfrentam são inúmeras e todas decorrentes de transformações que marcam as sociedades contemporâneas, transformações estas, que exigem novos compromissos e conhecimentos desses profissionais, que por sua vez, sofrem diretamente as contradições desse mundo socialmente conturbado.

4 (Des) Valorização da profissão?

Entender a realidade da profissão de professor é um grande desafio, sobretudo para os próprios docentes, que se vêem num verdadeiro beco sem saída diante de tantas contradições e propostas “inovadoras” e “renovadoras” promovidas em parte por instituições como o Banco Mundial que promete mudar os rumos da Educação. O resultado que se obtém é uma profissão desvalorizada, profissionais descontentes e alunos insatisfeitos com o ensino oferecido.

Nessa perspectiva, o Banco Mundial estabelece certas normas e regras que a seu entendimento seria o modelo de um profissional ideal para concretização de seus propósitos educacionais. Essa normatização do papel do professor segue uma concepção de educação

que cria um padrão daquele professor que simplesmente “deve ser” e “deve seguir”, suas atividades, sua maneira de agir e pensar devem estar adequados ao modelo de profissional exigido pelo mercado de trabalho.

Portanto, o que se forma não são professores preocupados com “o ensinar” e com o discente, mas sim trabalhadores extremamente qualificados curricularmente para obedecer às ordens superiores. No entanto, o que se questiona não é a qualificação dos professores, mas até que ponto os mesmos tem que submeterem-se para realizar as tais mudanças inovadoras, que podem ser tudo, menos novas? O professor tem métodos próprios, tem valores, tem estratégias próprias de fazer com que seu aluno aprenda o conteúdo trabalhado, o que significa dizer que ele não é uma espécie de máquina programada para realizar tarefas.

Partindo dessas premissas, qual então seria a explicação do Banco Mundial para tanto descaso de uma profissão que deveria ser a mais valorizada de todas, já que é a partir dela que todas as outras se formam? Isso se existir uma explicação plausível e realmente convincente!

Sobre essa questão, vale salientar que Bourdieu (1998) alerta para visível condição de desprestígio que se encontra o professor, que na sua concepção pode ser avaliada de acordo com o baixo valor dos seus salários, pois como é possível oferecer uma remuneração adequada ao ofício que esses profissionais exercem se instituições como o Banco Mundial não reconhece o devido valor que o educador tem, ou ao menos deveria ter?

Talvez seja por isso que frequentemente, observa-se que os educadores se sentem perdidos e jogados a própria sorte, porque tem que encontrar por conta própria as saídas possíveis para solucionar problemas que não lhes confere. E mesmo assim eles ainda são vistos com desconfiança, e como profissionais medíocres, dotados de uma formação deficiente, que apenas recebem uma remuneração também medíocre para ouvir e obedecer.

4.1 A explicação do BM.

Ao ocupar em grande parte um relevante papel no âmbito educacional, que antes era totalmente conferido a UNESCO, como já foi explicitado no início deste escrito, o Banco Mundial exerce atualmente uma grande participação nas decisões referidas ao sistema educativo mundial. Isso significa dizer que a ele também compete tomar medidas relativas ao profissional da educação, já que é do professor a responsabilidade de por em prática as estratégias do BM. É o que nos confirmam TORRES (2007, p.126):

“(...) o BM transformou-se na principal agência de assistência técnica em matéria de educação para os países em desenvolvimento e, a fim sustentar tal função técnica, em fonte e referencial importante de pesquisa educativa no âmbito mundial.”

Pode até ser que o BM tenha se tornado um grande referencial em matéria de educação, mas será que esse prestígio é realmente merecido, ou é mais uma estratégia de marketing do próprio Banco para se manter em evidência? Essas possibilidades não significam dizer que o BM não tenha promovido nenhuma medida útil, pelo contrário, ele estabelece algumas propostas até admiráveis, mas que em termos de sustentabilidade e eficácia não contribuem em nada com a realização de um dos objetivos primordiais do próprio BM, a melhoria da educação. Nesse sentido é quase impossível acreditar nas propostas utópicas do BM, mesmo que o objetivo supracitado seja até louvável.

Em meio a tantas controvérsias o professor se torna uma das principais partes atingidas, pois ele situa-se justamente entre as leis impostas pelo BM e a necessidade de proporcionar ao aluno um ensino proficiente e uma educação de qualidade. É uma posição delicada, de modo que a ação docente acaba tornando-se um lugar de conflito entre a teoria e a prática. Segundo FREIRE (1996, p.34):

“O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do, faça o que eu mando e não o que eu faço”.

O fato é que a maioria dos professores não tem mais atitude, não tem mais vontade própria, pensam segundo um mesmo padrão, e isso possibilita uma visão unilateral e restrita do que realmente é o processo educacional. Talvez por tal motivo o BM considere que: “O ensino resume-se a um conjunto de insumos (...) o professor sendo mais um insumo...” (TORRES, 2007, p.140).

Esse trecho deixa claramente a impressão da real situação que a docência ultrapassa atualmente. Mas a que ou a quem se deve tal realidade? O BM tem sua parcela de culpa garantida, pois analisemos a situação: como uma instituição de renome mundial, pode conferir plenos poderes para que economistas, que nem sequer conhecem a realidade de uma escola, desenvolvam um pacote de medidas educativas funcionais e adaptáveis a qualquer contexto social? E aos professores cabe o cumprimento fiel do que foi planejado, caso contrário:

“O fracasso de determinada política ou programa, portanto, é atribuído mais a falta de vontade ou a incapacidade de quem o implementa (geralmente os professores) do que aos erros em sua concepção e em seu desenho.” (TORRES, 2007, p.179).

Na ótica do Banco Mundial o fracasso em que se encontra a educação e a desvalorização do professor é resultado da má atuação dos mesmos. Porém, como esperar mais de profissionais descontentes com a profissão, de profissionais que dão tudo de si, mas que não recebem nenhum reconhecimento, sobretudo por parte dessa sociedade que ele próprio ajudou a construir? É uma situação difícil, pois nem mesmo o BM acredita na importância do professor como alguém realmente essencial para construir o presente e preparar o futuro. Segundo TORRES (2007 p.160-161):

“Os professores são vistos como um problema antes que um recurso, insumo educativo necessário, porém caro, complexo e difícil de lidar. Os mesmos professores, e não somente a sua formação, costumam de fato ser vistos como um beco sem saída”.

Se até mesmo uma das instituições responsáveis pelas políticas públicas educativas tem essa visão acerca do professor, quem então pode mudar essa situação? E é esse exatamente o X da questão. A quem recorrer? Espera-se que um dia o professor seja mais valorizado pela profissão tão nobre e admirável que exerce.

5. Considerações finais

Deste modo, esperamos que este pequeno conglomerado de reflexões e críticas venha a ser útil para outros, tanto quanto para nós, pois certamente a discussão aqui depreendida traz à tona a distância que existe entre o discurso proferido acerca do papel do professor, o valor que lhe é dado e o tratamento a ele concedido, tanto pelos estudiosos quanto pelas políticas que seriam destinadas a ele.

Como uma das instituições responsáveis pelo desenho de políticas públicas, o Banco Mundial tem plenos poderes para liderar uma reforma educativa sustentável, com projetos e propostas eficazes, que privilegie, sobretudo, o professor. Pois de que adianta “encher a boca” para dissertar sobre grandes planos, grandes propostas em favor da melhoria da Educação, se nem ao menos ele tem a sensibilidade de demonstrar algum plano concreto que tenha por

objetivo acabar, de uma vez por todas, com a trágica desvalorização do professor, em nosso país.

Nessas condições é possível perceber inúmeras necessidades e desafios que o professor da contemporaneidade enfrenta. Questões referentes à falta de apoio e incentivo, por exemplo, são observadas como assuntos pequenos que não interfere em nada na atuação do professor. Porém, são essas “pequenas questões”, esses “pequenos problemas” que contribuíram para formação da conjuntura educacional que atualmente desfrutamos. E na maioria das vezes os únicos culpados por tal situação são simplesmente e unicamente os professores, que não deram “conta do recado”. Nisso tudo, que foi exposto neste escrito, onde fica a dignidade e a credibilidade da profissão de professor? Isso explica o motivo pelo qual muitos jovens se sentem desmotivados em ingressar no magistério, o que antes ser professor era considerado uma missão a ser cumprida com responsabilidade e eficiência, que dava orgulho a quem exercia, e propiciava pelo menos uma remuneração digna, hoje não passa de uma profissão mal remunerada, “desconhecida” pela sociedade, que não oferece nenhuma perspectiva de uma carreira profissional promissora.

Assim, ao situar a posição que ocupa o professor no momento atual, conclui-se que o Banco Mundial desgraçadamente interfere na Educação e contribui para a desvalorização do docente, pois suas políticas educativas priorizam apenas suas necessidades econômicas, e em nada auxiliam o trabalho do professor. Enfim, para concluir de fato, nada mais justo do que dar a palavra a um dos maiores educadores observados na história brasileira, Paulo Freire, que fala a respeito da importância do professor para o aluno (1996: 66): “*o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.*”.

6 Referências

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (p. 30-31/72-76/ 135-140).

PISSARRA, Maria Constança Peres. **Rousseau: a política como exercício pedagógico.** São Paulo, Moderna, 2003, p.59-72.

TORRES, Rosa María. **Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial.** In: Tomás, lívia; Warde, Miriam Jorge e HADDAD, sérgio (orgs.) O Banco Mundial e As políticas educacionais. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007. (p. 125 – 193).